



# ASSISTÊNCIA SOCIAL

**P**ELO seu trabalho em defesa dos índios brasileiros e pela sua dedicação à causa indigenista, os irmãos Villas Boas receberam o prêmio "Personalidades Globais 73" em Assistência Social, apontados por um júri nacional integrado pelos Professores Eugênio Gudim e Antônio Gallotti, pelos Embaixadores Walter Moreira Sales e Pascoal Carlos Magno, pela incentivadora das artes no Brasil, Sra. Yolanda Penteador, pelo líder publicitário Emil Farhat, pelo líder dos ex-

portadores, Giulite Coutinho, pelo diretor-geral da Rede Globo de Televisão, Walter Clark, e pelo presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho.

O objetivo do prêmio criado pelo O GLOBO e pela Rede Globo de Televisão é apontar ao reconhecimento e admiração públicos os nomes daqueles que, em dez atividades, deram contribuição notável ao País. As outras atividades e premiados são: nas Ciên-

cias, o Almirante Paulo Moreira da Silva; na Música, Marlos Nobre; na Economia, o Ministro Delfim Neto; na Educação, Mário Henrique Simonsen; no Esporte, Emerson Fittipaldi; nas Artes Plásticas, Francisco Stockinger; no Empresariado, Augusto Trajano de Azevedo Antunes; na Literatura, o editor José Olimpio; e na Propaganda, Mauro Sales.

A entrega dos prêmios será feita em data a ser anunciada nos próximos dias.

# Villas Boas, os mensageiros da paz

Da Sucursal de Brasília

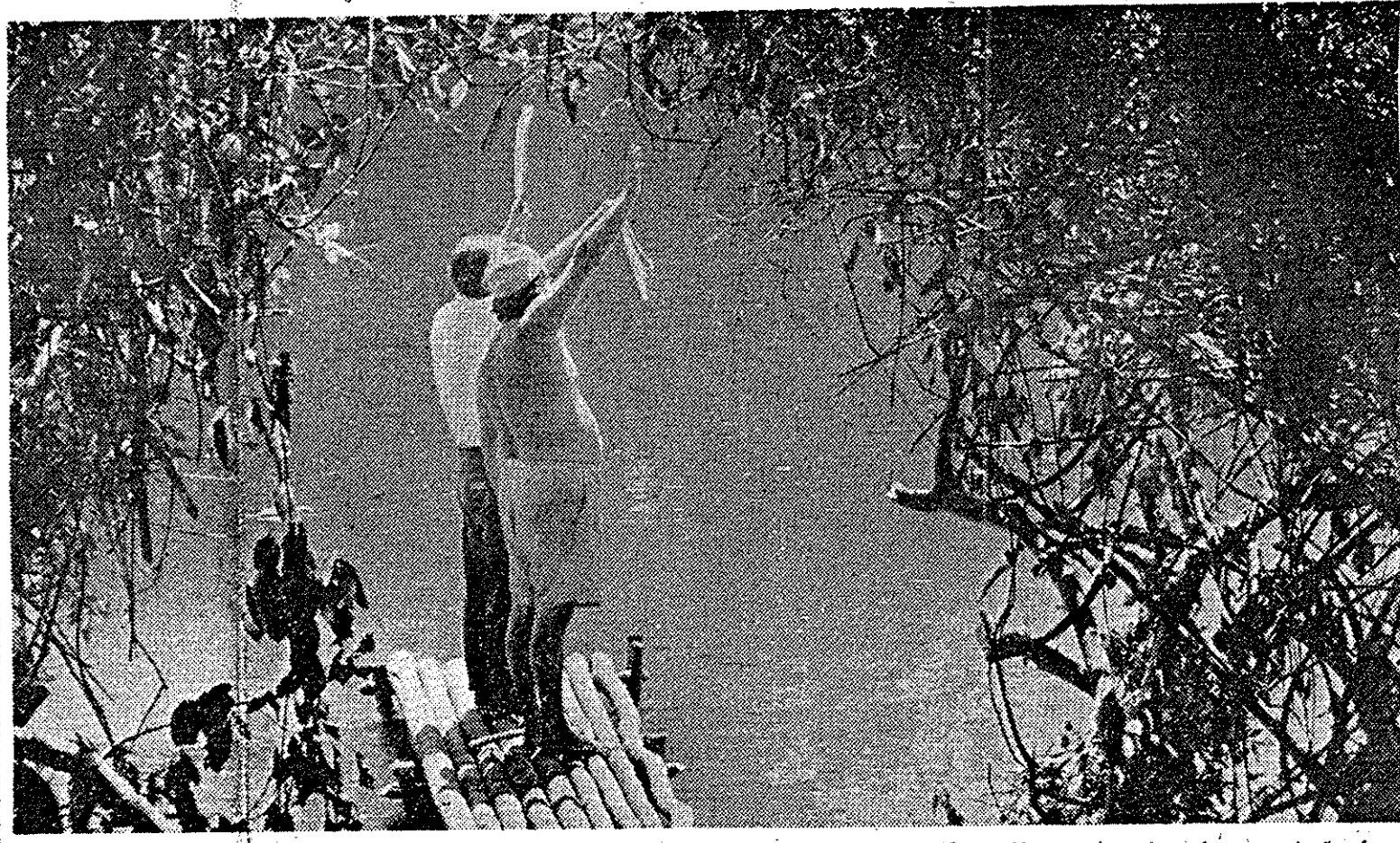
**O**S TRABALHADORES avançaram sobre a cabana abandonada, encheram os braços de mandioca, recolheram cabacas de mel — o "Benjumi", melhor mel silvestre. Em mel, ao saque, feito com algazarra, surgiu um moço franzino, até então de pouca fala, e gritou mandando que deixassem tudo onde estava. Era Cláudio Villas Boas, que tinha a seu lado os irmãos Orlando e Leonardo. Além de impedir o roubo da mandioca, fez uma rápida e enérgica pregação sobre "o direito dos índios", inspirada em leituras de Cândido Rondon. Os rudes trabalhadores, que obedeceram às suas ordens, pela primeira vez ouviam alguém defender os índios naqueles sertões onde a ordem comum era "matar a bugrada".

Ainda em 1945, já no fim da caminhada, no Rio Kuluene, conheceram os Kalapalo, tribo naquela época semicontada. Os índios aceitaram o grupo de civilizados e, além dos presentes, ganharam uma epidemia de gripe que acabou com a metade da tribo. Os Villas Boas solicitaram ajuda à Fundação Brasil Central e receberam como resposta um curto radiograma — "Se aqui no rio morre gente por falta de recursos, como podemos atender a esses índios?".

Os Villas Boas não puderam explicar por rádio que a gripe tinha sido levada pelos "civilizados invasores", nem que os índios nunca tinham tido gripe e que eram apenas vítimas. A responsabilidade cabia aos civilizados.

Os três moços paulistas, no meio do mato, comandando um grupo de rudes trabalhadores, não tinham meios para convencer os gabinetes do Rio de Janeiro. Eles mesmos compraram remédios com os seus pequenos salários. Nesta mesma ocasião aconteceu por lá um repórter e, comovido com o esforço dos Villas Boas, foi portador de um pedido de ajuda feito ao povo. Cândido Rondon soube do empenho dos jovens e nomeou-os delegados do Serviço de Proteção ao Índio. O título não dava direito a salário, mas conferia uma vaga autoridade. Foi o suficiente para os Villas Boas iniciarem o longo trabalho em favor dos índios.

Em 1948 fundaram o Posto Xingu, onde os índios de toda a região iam buscar ajuda ou remédios com os Villas Boas. Funcionou como posto indígena até 1954, quando foi fundado o Posto Capitão Vasconcelos, para o ex-SPI e, a partir de então, eles passaram a se dedicar exclusivamente aos índios. Neste ano de ano completaram três décadas como sertanistas.



Na margem do rio Peixoto de Azevedo, Cláudio e Orlando acenam para os Krain-a-Kore, última conquista de sua missão de paz

## Em 43, às margens do Araguaia

As histórias contadas pelos pais, Agnello e Arlinda Villas Boas, falecidos em 1941, falavam de chacinhas praticadas por um tal de Sanches, conhecido caçador de índios, na região de Cândido Mota, em São Paulo. Dona Arlinda contava aos filhos que Sanches costumava matar crianças índias "paulistas". Nunca depois em que os pais recomendavam muito barulho e agitação para curar a hemiplegia de Agnello. Orlando foi trabalhar na Standard Oil of Brazil (a Esso); Cláudio, na Telefonia Brasileira; e Leonardo, na Nestlé. Como aconteceu sempre, desde criança,

Cláudio lia muito: tudo de Amílcar Monteiro, Hermano Ribeiro da Silva (obras sobre o rio Araguaia), Visconde de Taunay ("Bandeiras") e Olavo Bilac (Cláudio sabe de cor "O Caçador de Esmeraldas"). Ele lia e contava para Orlando e Leonardo, empolgava os dois e acabavam os três lendo sobre os sertões. No quarto de pensar "viviam" as aventuras do Brasil central. E sonhavam.

Em 1941 morre primeiro Agnello; depois Dona Arlinda. Os Villas Boas ficam órfãos, a casa da família é desfeita, e Alvaro, hoje também na Fumal, vai morar com uma irmã. Os três mais velhos — Orlando, Cláudio e Leonardo — continuam trabalhando. Em 1943 rendem-se aos sonhos e resolvem ir para o rio Araguaia "atrás de diamantes, ouro e aventuras".

Em outubro de 1943 Cláudio e Leonardo chegaram a Aruaana, em Goiás, às margens do sonhado rio Araguaia. Quinze dias depois chegou Orlando. Tinham abandonado tudo em São Paulo e estavam no Araguaia, atraídos pelo que haviam lido sobre o rio. Sabiam de garimpo, mas não sabiam como começar. Iniciaram a subida do rio Araguaia até Barra do Garça. Cláudio descreveu a viagem em carta que enviou à família; era um texto muito parecido com o dos escritores que haviam lido e relido.

Amargurados, os Villas Boas pediram ajuda à ex-Fundação Brasil Central, e receberam como resposta o radiograma negando o auxílio. Com dinheiro do bolso mandaram buscar em São Paulo a recém-descoberta penicilina. Por coincidência apareceu por lá um repórter, de passagem. Foi feito um apelo, e veio mais ajuda, que salvou os Kalapalo. Em carta pessoal, com os dizeres "liberdade, igualdade, fraternidade", legenda dos positivistas, Cândido Rondon nomeou-os "delegados pelo Serviço de Proteção aos Índios".

## Na chefia da primeira expedição

Em Barra do Garça encontraram o pessoal da Expedição Roncador-Xingu, a famosa marcha para o Oeste, idealizada por Getúlio Vargas para a criação de um sistema de apoio à planície rodoviária Rio-Manaus. Concentravam-se lá todos os elementos, muitos deles indesejáveis, da guarda pessoal do Presidente Getúlio, chefiados pelo Coronel Flaviano de Matos Vanique, ex-chefe da guarda, gaúcho, que levou consigo todos os gaúchos da guarda. Os Villas Boas chegaram a Barra do Garça e encontraram os sertanistas locais espantadíssimos com o pessoal vindo de bombachas, tomando chimarrão e falando de um jeito diferente. Os gaúchos custuraram a se adaptar para a expedição: ficaram muito tempo em Barra, à espera de nada.

Os Villas Boas, com pouco dinheiro e enquanto não achavam um garimpo onde pudessem começar a aventura, resolveram trabalhar na expedição, como trabalhadores braçais. Não foi difícil para o Coronel Vanique descobrir que aqueles três paulistas não eram do mesmo tipo das centenas de trabalhadores contratados. Contra a vontade deles encarregou-os de trabalho burocrático na expedição: zelar pelo controle de mantimentos.

Um ano depois de terem chegado ao Araguaia os Villas Boas chefiavam uma frente da expedição que partiu do rio das Mortes (chamado Vale dos Sonhos) para o rio Kuluene. Foram 200 quilômetros de marcha, acompanhados de perto pelos Xavantes. Por quatro vezes foram atacados e responderam com tiros para o alto. Os Villas Boas tinham que vigiar de perto os trabalhadores e principalmente o capataz de tropas, "Raimundão", que praticava uma vingança sem fim por um filho morto a flechadas pelos Xavantes. Os Villas Boas, em certo ponto da expedição, expulsaram "Raimundão". E uma medida temperária dos três rapazes contra o velho capanga.

Alvaro Villas Boas, o irmão indigenista de São Paulo, conta que os três irmãos nunca demonstraram fraqueza na viagem pela selva.

Em diversas cartas que nos enviaram, sempre se mostravam entusiasmados. Leonardo resistiu a um realismo forte durante a caminhada para o rio Kuluene e se negou a voltar a Barra do Garça para tratamento. Houve um tempo que o Coronel Vanique queria voltar com a expedição para recomendar a partir de Cuiabá, tantas eram as dificuldades encontradas no roteiro do rio das Mortes. Mas Cláudio, Orlando e Leonardo resistiram. Disseram que o roteiro seria aquele mesmo. Insistiram tanto que o Coronel Vanique acabou concordando. A expedição continuou...

## Dos índios Kalapalo até os Krain-a-Kore

Em 1946 chegaram no rio Kuluene, onde encontraram os Kalapalo, a primeira tribo com que tiveram um contato maior. Os índios Kalapalo eram conhecidos desde 1887, quando foram identificados por Karl Von Den Stein, geólogo, antropólogo e estudioso do sertão e dos índios brasileiros. Não foi necessário um trabalho de pacificação.

Cláudio conta que quando os índios vivem em comum com diversos outros grupos, como no caso dos Xingu, eles se sentem mais seguros e aparecem aos civilizados. Os Kalapalo apareceram na barranca do rio Kuluene e, quando os Villas Boas gritaram, eles correram. Depois voltaram desorientados, medrosos. Os sertanistas jogaram-lhes presentes — panelas, canecas, facas. Eles aceitaram. A partir daí os Kalapalos passaram a frequentar o posto, a conviver com os civilizados. Uma epidemia de gripe surgiu entre eles. Em pouco tempo morreram muitos deles, inclusive o cacique Izarari, que mereceu um enterro solene. Foi enterrado com tudo o que tinha, inclusive os presentes recebidos dos civilizados.

ram num avião da FAB, em Cachimbo, numa pista natural e trabalharam lá durante meses para abrir o que depois seria o "destacamento de Cachimbo", no Pará, ponto importante de apoio à aviação, base da FAB. Na chegada, os Villas Boas viram lá o primeiro rastro dos Krain-a-Kore, que só 23 anos depois Cláudio poderia ver de perto. Em 1957, Cláudio abriu uma picada de Cachimbo até Cururu. Foram 380 quilômetros de picadas no trabalho que ele considerava o mais difícil de sua vida. Em certo ponto da caminhada morreu um trabalhador, que foi abandonado pelos outros. No fim, Cláudio caminhou 19 dias pelo mato, carregando uma carga de 30 quilos nas costas, até chegar de volta a Cachimbo.

No mesmo ano de 1953, os Villas Boas romperam definitivamente com a Fundação Brasil Central, depois de constantes atritos. O então presidente da entidade, Arquimedes Pereira Lima, demitiu-os e mandou que se retirassem da área. Mas, os Villas Boas estavam por demais identificados com as tribos xinguanas: deixaram a base de Jacaré, sob controle da Fundação, e foram fundar outra base no rio.

Acharam um lugar bom, a uma distância recomendável de Jacaré, e fundaram o "que seria o primeiro posto indígena". Orlando foi ao Rio de Janeiro e comunicou o fato ao superintendente do SPI, José Maria da Gama Malcher, que passou a dar apoio completo aos irmãos Villas Boas. Por sugestão do próprio Gama Malcher, eles batizaram o posto de "Capitão Vasconcelos", que tinha sido um companheiro do Marechal Rondon e aquele tempo estava muito velho.

O Parque Nacional do Xingu é considerado por antropólogos de todo o mundo a maior obra realizada em favor dos índios. Lá as tribos vivem em seu próprio ambiente, preservando sua cultura e a festa do Quarup é uma das manifestações intertribais do Xingu. Vivem lá mais de três mil índios. No Xingu, diversas tribos que se haviam dispersado, como resultado da convivência com os civilizados, estão se reencontrando. O melhor exemplo são os Cajabi, aculturados há mais de 80 anos; depois de praticamente destruídos na sua unidade tribal e nos seus costumes, estão reagindo a convivência com elementos da tribo de que estavam afastados e reencontrando seus costumes e sua cultura.

Primeiras pacificações

Primeiras pacificações

Primeiras pacificações

## Cláudio, o filósofo

Cláudio Villas Boas, magro, 58 quilos, nascido em 8 de dezembro de 1917, em Botucatu, São Paulo, estudou no Ateneu Paulista mas não chegou a terminar o ginásio. Lê Kant, Santo Agostinho, Karl Marx, Bertrand Russell e diversos filósofos, fala sobre o sentido da vida, analisa, discute sobre temas filosóficos com a tranquilidade de quem fala sobre índios. Antropólogo e etnólogo, Cláudio tem profundos conhecimentos de linguística indígena.

Cláudio sente-se bem quando está na selva, balançando-se na sua rede, fumando, lendo, pensando. Não é casado, mas educa em São Paulo, o filho de uma índia Trumai com índio Cajabi: Tauarru, de sete anos, chamado carinhosamente de "Boizinho". Orçula-se de o menino ser o primeiro aluno de inglês do Instituto Educacional Luzwell. Cláudio, quando voltou do Japão, pretende retornar ao Parque Nacional do Xingu e continuar longe da civilização, de que não gosta. Quer viver sempre ao lado dos índios, como vive há 30 anos.



Cláudio e Orlando, (de chapéu) dedicam-se há 30 anos à proteção dos indígenas

## Orlando, o brincalhão

Orlando Villas Boas, gordo, 58 anos, nasceu em 12 de janeiro de 1915, em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo. Estudou no Ateneu Paulista, em Campinas, mas não chegou a terminar o ginásio, em consequência da doença e da morte de seu pai. É o mais extrovertido de todos os Villas Boas, tem centenas de histórias engraçadas que gosta de contar. Tem uma lista de amigos tão longa quanto os quilômetros que percorreu na selva.

Bom gastrônomo, é capaz de fazer a enfiada comida de uma expedição (arroz e peixe, ou cacá) tornar-se uma especialidade, graças aos seus conhecimentos adquiridos com índios, caboclos e em restaurantes paulistas. Uma de suas especialidades é a "saldada de piranha", feita com piranhas desfiadas e óleo de cozinha. Sabe também fazer um lombo de anta preparado com uma fina camada de porco e prepara "risoto" de mutum e outros pratos. Gosta de beber o "melhor vinho do mundo", que para ele pode ser um vinho gaúcho, "desde que bebido numa expedição e sabendo tratar-se da última garrafa".

Orlando tem um filho, "Vilinha" (Orlando Villas Boas Junior) com quase três anos de idade. Casou-se em 1969, com Marina, uma enfermeira do Parque Nacional do Xingu. Vilinha talvez venha a bater um recorde de seu pai, que teve 200 crises de malária; com menos de três anos, já pegou quatro crises, no Parque Nacional do Xingu, onde passa tanto tempo quanto no apartamento de São Paulo. Orlando gosta de ler ficção, não despreza histórias em quadrinhos e romances policiais. Sabe de cor um número imenso de "modas de viola" e uma de suas brincadeiras prediletas com os índios é imitar grotescamente tipos de tribo ou de fora dela. Trata os índios por apelidos, brinca com todos eles e é adorado por todos. Inventou brincadeiras a toda hora e por qualquer motivo.